

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
15 e 19 de Julho de 2022
IN MEMORIAM JACQUES PERRIN

LA LIGNE DE DÉMARCATIION / 1966 **A Linha de Demarcação**

Um filme de Claude Chabrol

Argumento: Coronel Rémy (pseudónimo de Gilles Renault), baseado na sua narrativa epónima (1964) / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Jean Rabier / *Cenários:* Guy Littaye / *Figurinos:* Dolly Cousteau / *Música:* Pierre Jansen / *Montagem:* Jacques Gaillard / *Som:* Guy Chichignoud / *Interpretação:* Jean Seberg (*a Condessa de Damville*), Maurice Ronet (*o Conde de Damville*), Daniel Gélin (*o Dr. Jacques Lafaye*), **Jacques Perrin** (*Michel, o operador de rádio*), Stéphane Audran (*a mulher de Lafaye*), Reinhard Koldehoff (*o Major von Pritsch*), Jean-Louis Maury (*o agente da Gestapo*), Claude Lévillé (*o Capitão Duncan Presgrave*), Pierre Gualdi (*o padre*), René Havard (*Loiseau, o intérprete*), Serge Bento (*o barbeiro*), Roger Dumas (*Chéti, o passador*), Mario David (*Urbain, o couteiro*), Jean Yanne (*Tricot, o professor primário*), Noël Roquevert (*o dono do café*), Claude Berri (*um membro da família de judeus*) e outros.

Produção: Les Films Georges de Beauregard, em parceria com Rome-Paris Films e SNC (Société Nationale de Cinématographie) / *Cópia:* do Canal +, dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 121 minutos / *Estreia mundial:* Paris, 25 de Maio de 1966 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Mundial), 9 de Fevereiro de 1968 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Novembro de 1987, no âmbito do ciclo "Claude Chabrol".

Como é lembrado antes do início do genérico, quando a França foi ocupada pela Alemanha em Junho de 1940 o país foi formalmente dividido em dois, com a metade norte sob administração direta das forças de ocupação, ao passo que a metade sul, dita "Zona Não-Ocupada" ou "Zona Livre" (sic) ficou sob a administração do governo fantoche e colaboracionista do Marechal Pétain (em Novembro de 1942, depois da libertação do Magrebe pelas forças americanas, todo o país foi posto sob tutela alemã direta). A *linha de demarcação* que dá ao título ao filme de Chabrol era a fronteira entre as duas zonas, a ocupada e a "livre". No filme esta *linha de demarcação* é literal e simbólica, é um espaço geográfico, uma ferida no corpo de um país oprimido, uma barreira física e também a fronteira simbólica entre os que estão de um lado ou do outro da luta.

La Ligne de Démarcation é um exemplo perfeito da complexidade que esteve por detrás da resistência não-comunista reunida à volta de Charles de Gaulle na França ocupada pela Alemanha nazi. Levadas pelo patriotismo, pessoas de classes sociais muitíssimo diferentes, por vezes desprovidas de qualquer esteio ideológico ou cobrindo um espectro que ia do centro-esquerda à extrema-direita, deram o seu contributo à luta de resistência. Alguns combateram apenas a Alemanha, outros combateram a Alemanha nazi. O filme é baseado não num romance mas numa série de relatos sobre factos verídicos cuja publicação estendeu-se de 1964 a 1976, de autoria do Coronel Rémy, um dos pseudónimos de Gilles Renault, que fez parte dos serviços secretos do movimento da France Libre de de Gaulle, trabalhando em França sob orientação direta do mítico Coronel Passy, chefe destes serviços secretos, a partir de Londres. Rémy/Renault vinha da extrema-direita, mais precisamente da Action Française e foi um dos muitos que aderiu à resistência anti-alemã por patriotismo. Permaneceu fiel à extrema-direita depois da guerra, instalando-se inclusive em Portugal entre 1954 e 1956 (publicou em 1957 em França dois livros de propaganda do regime salazarista, *Portugal e Fatima, l'Espérance du Monde*) e foi partidário da "Argélia francesa". Quanto a Chabrol, parisiense de nascimento, que tinha dez anos quando a Segunda Guerra Mundial começou (passou todo este período no campo, em casa de parentes) era filho de um casal de estrita obediência católica, proprietários de uma farmácia em Paris, que foram discretos e tenazes resistentes gaullistas, abrigando figuras clandestinas na sua casa e passando informações entre células de resistentes, o que significava risco de morte (conseguiram chegar ilesos ao

fim da guerra). Neste ponto eram muito semelhantes a vários personagens do filme, como o barbeiro, o padre, o dono da tasca, o professor primário, o médico e a condessa.

Rémy/Renault era um escritor profissional, autor de uma vastíssima e variada obra, que inclui romances policiais que foram adaptados ao cinema antes desta colaboração com Chabrol. Por conseguinte, não há razão para duvidar da indicação que vem no genérico segundo a qual o filme foi inteiramente escrito por ele. Por mais rocambolesca e “coisa de cinema” que pareça, a fuga do operador de rádio dentro de um caixão é mais do que provavelmente baseada num facto verídico. Apesar de um número talvez excessivo de diálogos explicativos nos primeiros quarenta e cinco minutos da ação, o argumento é extremamente bem construído e acaba por prender por completo o espectador. Uma das suas características é o facto da ação ser desprovida de um tom de heroísmo tradicional e da mitologia que costuma cercar a gesta da *résistance* (neste ponto, o filme difere por completo de **L’Armée des Ombres**, de Jean-Pierre Melville, realizado três anos depois). Não há personagem principal (Jacques Perrin, o homenageado desta sessão, tem uma presença brevíssima, embora tudo gire à volta do seu personagem), o que sublinha o facto da *résistance* ter derivado de uma rede silenciosa, anónima, em que cada um deu um contributo modesto e decisivo, como uma pequena peça numa vasta engrenagem. Se o facto de alguns personagens, como a condessa, serem ligados à resistência é evidente desde o começo, é a pouco e pouco que percebemos que muitos outros também o são, inclusive alguns que entram tardiamente em cena, o que enreda cada vez mais o espectador naquilo que vê e faz com que ele acabe por se identificar com todos. Através de uma série de não acontecimentos numa pequena comunidade humana e embora **La Ligne de Démarcation** escape por completo aos clichés dos filmes sobre o tema da Ocupação, a narrativa acaba por fazer surgir um quadro em que estão presentes todos os personagens característicos de um filme sobre a França ocupada pela Alemanha nazi: praticantes do mercado negro, pequenos resistentes discretos, um sórdido aproveitador que acaba por ser executado, um colaborador que talvez o seja um tanto à sua revelia (vemo-lo pela última vez a entrar numa câmara de tortura, depois dos alemães perderem a confiança nele), um oficial da Wehrmacht relativamente moderado, implacáveis agentes da Gestapo, um padre e um professor primário (inimigos históricos em França desde a instauração do ensino público, laico e obrigatório em fins do século XIX, que aqui unem forças contra o inimigo comum), uma família de judeus enviada para os campos da morte, um veterano da Primeira Guerra Mundial com ódio mortal aos *boches* e ainda um aristocrata desencantado que, quando menos se espera, tem um gesto corajoso de auto-sacrifício. Embora a ação central (esconder e fazer fugir um operador de rádio, membro dos serviços secretos da resistência) seja um ato extremamente perigoso, embora várias vítimas fiquem pelo caminho (o médico, a sua mulher, a condessa, o oficial britânico, o grupo que tenta atravessar o rio) o tom nunca é enfático e **La Ligne de Démarcation** nada tem de um hino cinematográfico. A imagem a preto e branco, que em meados dos anos 60 ainda era utilizada por cineastas de grande prestígio (Godard, Visconti, Truffaut), contribui para estabelecer a atmosfera do período em que a ação tem lugar e evitar a multiplicação de adereços decorativos. Chabrol filma como sempre fez, de modo clássico, com aparente simplicidade, preferindo as elipses aos efeitos grosseiros e esta sobriedade torna mais intensos os pontos fortes do filme, como a visão da família judia sendo levada para a morte ou a execução daquele que os traía.

Em **La Ligne de Démarcation** a resistência à opressão nazi é um gesto coletivo e por isso na cena final, que também é a cena culminante, toda a população da aldeia, que bem sabe o que há naquele caixão que transporta a morte e a vida, está presente e num breve gesto de desafio entoia o começo da *Marselhesa* (que nasceu como um canto de guerra durante a Revolução Francesa), uma *Marselhesa* que tem sobre o espectador o mesmo efeito de comoção e emoção que na **Grande Ilusão** ou em **Casablanca** (o filme mais diferente de **La Ligne de Démarcation** que se possa imaginar), mas de modo sóbrio, em surdina. Segue-se imediatamente a palavra *fim*, sem que haja genérico de fim para não enfraquecer o impacto do filme sobre o espectador.

Antonio Rodrigues